

Transcrição: Memórias Compartilhadas de Aildemar Paraguai e Tatiana Paciello

Aildemar Paraguai (AP): Eu me chamo Aildemar Paraguai, eu nasci em Natal, Rio Grande do Norte. Ingressei na música em 1979, em meados de 79 para o final, num projeto iniciado lá no meu bairro.

Tatiana Paciello (TP): Meu nome é Tatiana Paciello. Eu tenho 45 anos, nasci em São Paulo, capital. Comecei a estudar música com 11 anos de idade. Comecei a tocar violino. A minha família é uma família musical. Minha mãe já tinha tocado piano e estudou piano. Meu pai também, embora ele tenha falecido cedo, ele gostava muito de música. Então, eu cresci em um ambiente musical, indo a concertos desde pequena, ouvindo muita música clássica em casa.

AP: Eu ingressei na Orquestra Sinfônica do Estado e nesse projeto, a princípio, eu comecei estudando trompete e minha professora de teoria, Aci Taveira, me incentivou a estudar o violoncelo. Eu comecei a estudar violoncelo com o professor Ivo Mayer e fiz também flauta transversal com Estevão Oliveira e Kadina Pinheiro. Depois, em 1981, os meus professores retornaram a Campinas e eu continuei estudando sozinho.

TP: Eu tinha um professor de violino que morava na minha rua. E enfim, eu sempre tive esse sonho, essa vontade de tocar violino. E comecei e fui estudando. Com 16 anos, eu entrei na Orquestra Jovem do Estado de São Paulo e comecei a estudar violino mais, né. Depois comecei a estudar viola também. Viola de orquestra.

AP: Então, em 1982, tive a oportunidade de vir a Campos do Jordão para o Festival de Inverno. Para mim foi um feito mais que fantástico. Para todo músico, participar do Festival de Campos do Jordão é uma excelência.

TP: Bom, o meu vínculo com o Festival de Campos foi acho que em 1996, acho que foi o meu primeiro festival. Eu não lembro bem se foi 1996 ou 1997. Eu preciso ver meus certificados. Mas foi uma coisa muito especial na minha vida, né? Porque, a gente tinha que fazer um teste para vir para o festival. Saiu o edital e os professores que iam dar aula, mandar uma gravação de fita cassete e depois disso, aprovada, a gente torcia para entrar. A gente vinha para Campos e tinha um ônibus que saía lá da antiga OLM e trazia os bolsistas para cá. Então, a nossa bolsa era participar da orquestra, fazer as aulas que tinham professores muito bons - então, eram aulas individuais de instrumento e de música de câmara - e, assistir todas as apresentações que eram aqui no Auditório. Então, a gente ficava aqui no Auditório direto.

AP: O meu ingresso no festival se deu através da minha professora Aci Taveira. Ela fez minha inscrição e eu participei como bolsista, participei da orquestra. E também teve um feito bem interessante aqui no término do curso, o meu professor ia tocar com a Orquestra de Campinas no encerramento e ele pediu ao maestro Benito Juarez para me escutar para um possível estágio na orquestra. Também teve um outro feito que ficou marcante, é que a professora de violoncelo, a Sharon. Ela me presenteou com um método, como na minha cidade era muito complicado na época adquirir o material para estudo, então ela me presenteou com esse material.

TP: Era uma imersão muito grande, porque a gente não tinha celular, não tinha rede social. Então a gente vinha só com o nosso instrumento e, olhe lá, um livro e nossas partituras. Até para falar com a família, a gente tinha que ficar na fila do orelhão, falar rapidinho. Então era uma imersão que a gente ficava um mês aqui, mas parecia que era muito mais e a gente tinha que estudar, praticar para dar conta de tantas aulas, tantas oportunidades. Era um professor que vinha, às vezes, fazer uma masterclass. Eu lembro que veio o spalla da Filarmônica de Berlim que eu pude tocar e foi uma aula incrível. E mesmo os professores que eram brasileiros, vieram professores de outros estados, músicos que a gente não tinha contato sempre e podiam fazer uma sequência de aulas assim...Uma imersão mesmo. E os maestros também. Eu lembro do maestro Aylton Escobar, que regeu, que foi muito bacana. Foi praticamente o meu primeiro contato com orquestra, né? E a gente tinha tempo de fazer um bom trabalho, porque os ensaios eram todos os dias, não tinha aquele intervalo entre um ensaio e outro.

AP: E também, assim, o festival pra mim foi um feito. Eu posso até dizer que o melhor feito da minha história musical, porque foi a primeira vez que eu toquei na orquestra grande, tive a oportunidade de tocar no festival, na orquestra grande, tocando um repertório também bem complexo. Nós tocamos a quarta Sinfonia de Schumann, tocamos o concerto para piano de Beethoven com o grandíssimo pianista Nelson Freire. Então, foi extraordinário.

TP: E os concertos, eu lembro que eu vi a Camerata Bariloche aqui também. Foram tantos concertos muito bons em alto nível e a gente tinha essa oportunidade, a gente não pagava nada. A gente vinha e eu lembro que os ingressos eram super caros e era voltado para uma elite, que em época normal e, até hoje talvez, não poderia assistir tantos concertos.

AP: É de extrema importância o espaço do Auditório Claudio Santoro para o festival, para a execução de várias orquestras e também de shows que acredito que tenha aqui e enfim, da manutenção da cultura musical dos outros segmentos culturais do nosso país.

TP: É muito, muito importante esse espaço. Eu acho que é um espaço muito grande. Aqui ele cabe, assim... acho que se fez até óperas aqui. Cabe um coro, uma orquestra grande. É um espaço bem especial e a gente também ensaiava aqui e tocava direto. Então isso dá muita diferença quando se ensaia num lugar e vai tocar num outro lugar. Então, a gente estava preparado. Eu lembro que por causa do frio. Eu lembro que os instrumentos de madeira...eu tinha uma colega oboísta que ela sempre estava aquecendo, instrumento ali fora para entrar aqui, porque às vezes mudava a afinação, por causa da temperatura das luzes, que é um pouco diferente. Mas acho que assim, é um lugar muito inspirador, porque tem toda essa natureza em volta, né? E eu não sei. Eu acho que é um lugar especial, um clima diferente. A gente entra nessa sintonia, que é muito especial.

AP: Bom, até a minha vinda aqui, exatamente, faz toda uma retrospectiva na memória. São 40 anos exatamente que eu pisei aqui nesse palco e voltar a reviver tudo isso é uma emoção inigualável.

TP: Hoje eu estou vindo como turista, tô de férias e está sendo super gostoso, assim, porque a gente vem todas aquelas memórias, ainda mais conversando com vocês

e está tudo igual. Então, é muito especial assim. Ficou super emocionada toda vez que eu venho ou quando eu vejo na televisão, que sempre em julho tem a abertura do festival, eu tento assistir. E é um lugar que eu tenho muito carinho. Fiz muitas amizades, eu aprendi muito e foi uma época muito feliz da minha vida, que foi a minha juventude. Então é uma alegria estar aqui.

AP: Após o Festival foi que eu entendi que eu realmente poderia caminhar profissionalmente na música e, principalmente, na música erudita, que até há tempos atrás era tido como de elite. Então, a gente tem essa... Quando sai daqui do festival, sai com aquela sensação que precisa cada vez mais seguir, ter mais aprendizado e caminhar para o melhoramento do seu lado profissional, que contribui também para a cultura do nosso país.

TP: Olha, eu acho que hoje muita coisa melhorou, o acesso a tudo que a gente tem. Eu acho que o nível musical do Brasil melhorou muito também. Mas é uma pena que o festival hoje não seja aqui em Campos e que não tenha essa imersão tão bacana, né? Eu acho que por vários motivos as coisas mudaram, mas eu acho que a gente tem que aproveitar, que a gente tem muitos professores bons que dão aula hoje no festival e o festival permanece mesmo com tantos problemas que a cultura tem. Então eu fico muito feliz. A minha mensagem é que a gente tem muitas oportunidades de estudo aqui no Brasil. As coisas estão melhorando muito e que as pessoas aproveitem e os estudantes aproveitem os festivais que têm em Campos do Jordão. Estudem muito! E é isso! Vale muito a pena fazer.

AP: O que eu deixo de mensagem para os novos bolsistas que ao sair do festival, ao término do festival, estudem mais e caminhem mais para a manutenção da cultura musical erudita do nosso país, que precisa muito.